

Paixão segundo G.H. e a função humanizadora de Candido:

O (ser) humano em linguagem, experiência e alteridade.

URSULLA GOMES HERDY

RESUMO: O artigo que ora se apresenta tem por objetivo proceder a uma análise do Romance *A paixão segundo G.H.* (2009), de Clarice Lispector, de modo a estabelecer convergência com as diretrizes estipuladas pelo Projeto de pesquisa *Antropologia e teoria literária: um estudo acerca da função humanizadora da literatura em Antonio Candido*. Por conseguinte, pretende-se ressaltar aspectos relevantes para a compreensão da obra, com base na bibliografia básica recomendada pelo projeto, o qual se debruçou na investigação das relações entre antropologia e teoria literária na obra candidiniana. Assim, a análise literária se direcionou metodologicamente através do estudo e consequentes questionamentos dos pressupostos adotados por Candido no tocante a humanização e a normatização do humano. O foco analítico residiu na teorização acerca da função humanizadora da literatura, de modo a compreender como certas premissas antropológicas de viés evolucionista foram integradas por Candido em suas próprias formulações teóricas. A partir da análise literária selecionada, buscar-se-á (re)significar o que o teórico concebe como função humanizadora de modo a elucidar como a experiência literária suscita o exercício condicional do (ser)humano. Aspecto o qual a obra de Clarice permitiu elucidar devido à alteridade vigente entre a representação humana personificada pela protagonista do romance e uma barata.

PALAVRAS-CHAVE: Função humanizadora. Experiência. Exercício condicional.

ABSTRACT: The present article aims to analyze the Romance *A Passion according to G.H.* (2009), by Clarice Lispector, convergence with the guidelines stipulated by the Research Project-*Anthropology and literary theory: a study about the humanizing function of literature in Antonio Candido*. Therefore, it is intended to highlight relevant aspects for the understanding of the work, based on the basic bibliography recommended by the project, which focused on the investigation of the relations between anthropology and literary theory in Candin's work. Thus, the literary analysis was methodologically directed through the study and consequent questioning of the assumptions adopted by Candido with regard to humanization and human standardization. The analytical focus was on theorizing about the humanizing function of literature, in order to understand how certain anthropological premises of evolutionary bias were integrated by Candido in his own theoretical formulations. From the selected literary analysis, we will try to (re) signify what the theorist conceives as a humanizing function in order to elucidate how the literary experience raises the conditional exercise of the (being) human. Aspect which Clarice's work allowed to elucidate due to the current alterity between the human representation personified by the protagonist of the novel and a cockroach.

KEYWORDS: Humanizing function. Experience. Conditional experience

INTRODUÇÃO

O presente artigo é oriundo dos resultados obtidos na pesquisa de um projeto do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, intitulado Antropologia e teoria literária: um estudo acerca da função humanizadora da literatura em Antonio Candido, cuja duração compreende as datas 4 de junho de 2018 e 1º de outubro de 2019.

O projeto apresentava como objeto investigativo as relações entre literatura, antropologia e teoria literária a partir da leitura crítica da obra de Antonio Candido. O foco da investigação residiu na discussão das funções que o teórico atribui à literatura, particularmente em seus ensaios Estímulos da criação literária (2000b), A literatura e a formação do homem (1999) e O direito à literatura (2004). Destacou-se a “função humanizadora” da literatura, recorrendo-se, para tanto, a seu trabalho etnográfico sobre a sociedade caipira, intitulado Os parceiros do Rio Bonito (1971), de maneira a se delinear propriamente qual seria sua concepção de “humanização”.

Nesse sentido, o projeto investiu na leitura cruzada dos trabalhos de Candido, relacionando sua produção de viés antropológico à sua produção teórico-analítica a respeito da literatura. Também buscou lidar com os debates em torno da ideia de “humanização”, recuperando leituras críticas da obra de Antonio Candido, como as contribuições de Marcos Natali (2006) e Marília Librandi-Rocha (2012) e dialogando com abordagens da antropologia - Lévi-Strauss (1996), Pierre Clastres (2011), Eduardo Viveiros de Castro (2011), Bruno Latour (1994) - e da teoria literária - Luiz Costa Lima (2002), Edward Said (2007). Finalmente, os estudos teóricos e antropológicos desenvolvidos alimentaram a leitura e análise de obra literária A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector (2009).

DESENVOLVIMENTO

Conjecturar acerca do que Candido (2004) concebe ser a função huma-

nizadora da literatura envolve, entre outras coisas, a contemplação da questão da humanidade e o que a caracteriza. Além disso, envolve a reflexão acerca da literatura como manifestação artística, evento antropológico e, sobretudo, marco cultural. Sob essa perspectiva, a literatura é passível de sublinhar a constituição de um ser humano, não como ente biológico, mas como um sujeito moral.

Segundo Candido (1999), a aptidão para cultura é uma condição que a literatura é capaz de suprir e, nesse ato, revela uma “natureza humana do (ser)”, cujo exercício se grassa em engendrar diferença, singularidade, subjetividade. Os parâmetros que promovem essa diferenciação podem ser analisados pela relação entre um indivíduo ou grupo e a arte literária ou a maneira como se realiza sua apreciação estética, conforme Candido (2000a).

O exercício apreciativo da arte que é aplicado à literatura ativa no(s) ser(es), que o efetuam, um processo criativo de composição subjetiva, em que o homem se vê na condição de leitor e autor simultaneamente. Nesse curso, a essência humana se revela como diversidade cultural. E, para todos os indivíduos que se inserem nesse processo, o “tornar-se humano” configura-se como diferenciar-se dos demais. Essa diferenciação, contudo, não se dá isoladamente, mas de forma relacional.

Para mais, uma antropologia literária pressupõe a necessidade humana de ficção. Iser (2013), em O fictício e o imaginário, concebeu o enfoque antropológico como um desdobramento do reader-response-criticism. Ou seja, há, para o autor, a noção de que o texto é um evento antropológico, porquanto põe, em interação, a obra literária e o leitor. Durante o ato da leitura, conforme o teórico, o fictício compele o imaginário a assumir forma, consistindo numa ultrapassagem. Em diálogo a isso, Jauss (1994) atribui à arte a função emancipatória, uma vez que o ato da experiência estética rompe com percepções estigmatizadas, reconfigurando o imaginário do sujeito experienciador.

Dessa forma, a literatura como lugar referencial, ou seja, como representação a cerca do real que se apreende e não pode se desvenci-

lhar de suas referências é o espaço no qual o sujeito vivencia dialeticamente suas próprias questões, consistindo numa via de decifração do próprio enigma existencial. A leitura de literatura é compreendida, nesse aspecto, como humanizadora, pois impele o processo de subjetivação do sujeito leitor. Além disso, há a representação da persona ficcional com a qual o leitor pode interagir e compor uma relação de alteridade.

Nesse quesito, a protagonista do romance analisado se aplica, no sentido de que a experiência por ela formulada, traduzida ao nível da linguagem literária, revela o acesso ao mundo enigmático da existência. Acesso suscitado por um inseto.

O contato com o inseto se dá em um quarto desocupado pela empregada dispensada. A configuração do cômodo era de matéria desconhecida da protagonista. Precisamente, naquele lugar, a experiência existencial ocorreu, de forma a inaugurar um novo saber. O quarto pode ser interpretado como enclausuramento do eu sob a perspectiva do outro. Nesse sentido, um diálogo pode ser traçado com Castro (2011), no que condiz à percepção da humanidade, pois, segundo a concepção dos povos ameríndios, o referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem como espécie, mas a humanidade como condição. A humanidade, assim, não é especificidade de um ser, mas uma condição que pode ser alcançada e compartilhada. Ainda conforme Castro (2011), a expressão do real é perspectivista, tal como o são o ontem e o amanhã - mudam de sentido conforme o ponto de vista -, assim o contato interespecífico entre a protagonista e a barata configuram o moldar da humanidade como condição passível a todos os seres que requerem o contato com 'um' Outro para constituir sua natureza humana.

No processo de construção do *Eu* fragmentado em facetas, o sujeito clariciano busca diferenciação. Nesse aspecto, reside o ponto de convergência com a terminologia de Candido no que condiz à função humanizadora, uma vez que não se concebe a ideia de humanidade como um valor, todavia como um processo no qual se engendra o sujeito de modo a diferenciar-se dos demais, desenvolvendo, assim, o atributo humano da singularidade que não de-

ve ser submetido a hierarquizações. “Minha pergunta, se havia, não era: ‘que sou’, mas entre quais eu sou” (LISPECTOR, 2009, p.27).

Esse Eu se desdobra em uma linguagem ensaística que conduz o leitor a se inscrever no processo constitutivo da linguagem clariciano que se propõe a refletir os mistérios da existência. Por conseguinte, uma questão de fundamental relevância, por uma leitura do romance, é a matéria textual como estrutura, visto que isso expressa diálogo com o que Candido (2000b) concebe por “ato criador” - sendo este uma espécie de operação cuja constituição formal configura a irrealidade do espaço poetizado como um cenário de meditação ou como o próprio Candido concebe, de elevação do real à potência da ilusão poética.

Nesse mesmo sentido, a prosa de Clarice, vista sob o aspecto formal, realiza-se em uma escrita cuja peculiaridade consiste na tentativa ou ensaio de simular o fluxo do pensamento. Essa configuração de linguagem ativa no leitor, sendo este considerado um agente ativo na produção de sentido, uma série de questionamentos de matriz ontológica, estando inserido em um percurso orientado pela autora à compreensão da existência humana. Candido (2000b) concebe o ato da criação literária como forma de evocação de referencialidades contextuais, ou seja, independente do grupo social que a constitui, a literatura é uma forma de representação que recorre ao imaginário para ficcionalizar e, por conseguinte, inaugurar uma virtualidade narrativa em que o sujeito ou grupo leitor se (des)constrói dialeticamente. A desconstrução advinda da emancipação perceptiva pelo contato com a obra se realiza numa fragmentação do ser pelo prolongamento da percepção, cujo ato questiona a validação de sua confiabilidade.

A vida humanizada. Eu havia humanizado demais a vida. Mas como faço agora? Devo ficar com a visão toda, mesmo que isso signifique ter uma verdade incompreensível? ou dou uma forma ao nada, e este será o meu modo de integrar em mim a minha própria desintegração? (LISPECTOR, 2009, p.12).

(...) uma das tarefas mais urgentes do pensamento contemporâneo é certamente a redefinição do conceito de transcendental em função de suas relações com a linguagem.

Candido (2004) apresenta que a literatura é um constituinte daquilo que se concebe como Direitos Humanos. Para tanto, inicia com uma breve apreciação da natureza que caracteriza o termo. Assim, concebe a política de Direitos Humanos (DH) como algo proveniente de um anseio ou tentativa de sanar as desigualdades provenientes do percurso civilizatório. Com o advento da técnica e da racionalização de recursos naturais ao longo da História, a humanidade também propiciou a barbárie, porquanto pressupõe a supremacia e a dominação de uma camada social sobre a outra. Logo, aquele que luta pelos Direitos Humanos seria o inconformado com a realidade, empenhando-se em construir outra de forma mais igualitária e justa. O autor prossegue admitindo o caráter empático que caracteriza a consciência de igualdade que embasa a política de Direitos Humanos.

Por conseguinte, o pressuposto é pensar que algo considerado indispensável a determinado sujeito também o é para o seu próximo. Para afirmar essa perspectiva, Candido (2004) recorre ao ponto de vista do sociólogo francês Louis- Joseph Lebrét, fundador do movimento Economia e Humanismo, no que condiz com a necessidade de refletir acerca do que se concebe como bens incompreensíveis, ou seja, bens que não podem ser negados a ninguém. Logo, para tal ponderação, é preciso pensar em necessidades que seriam universais e, portanto, comuns a todos os homens, desconsiderando peculiaridades locais. Acrescento que, sob o meu ponto de vista, há um grande risco de que essa universalização da essência humana tenda a um perspectivismo ocidental, que, devido a essa natureza, se torna excludente.

Ainda em *O direito à Literatura* (2004),

o autor defende que a obra literária deve ser considerada um bem indispensável, e uma das razões que justificam essa premissa é que a leitura de Literatura “humaniza” o homem, porquanto o conduz a um contato dialético com seu próprio enigma, mediante a inserção em uma realidade ficcional. Todavia, conforme o exposto, essa humanização pode ser compreendida como um processo de subjetivação e não de diferenciação entre os mais ou menos humanos, uma vez que suporia uma hierarquização cultural. Logo, conforme Benevides (2013), a diferença não deve ser admitida como sinônimo de desigualdade.

Uma abordagem antropológica dessa obra de Clarice Lispector se orienta, assim, em via de coordenar a incidência de sentidos sugeridos pelos questionamentos propostos com a inefabilidade da experiência de reconhecimento existencial, um percurso admitido, narrativamente, pela personagem e pelo leitor impelido na mesma pretensão.

Segundo Agamben (2005), uma das tarefas mais urgentes do pensamento contemporâneo é certamente a redefinição do conceito de transcendental em função de suas relações com a linguagem. Isso se manifesta na obra de Clarice, de forma que a linguagem de sua narrativa, tal como uma plethora de percepções, orienta-se num fluxo cujo volume cresce gradativamente, de forma a tecer impressões que se realizam como forma de descrever a experiência amorfa de ser.

Mas é que também não sei que forma dar ao que me aconteceu. E sem dar uma forma, nada me existe [...] Uma forma contorna o caos, uma forma dá constru-

ção à substância amorfa – a visão de uma carne infinita é a visão dos loucos, mas se eu cortar a carne em pedaços e distribuí-los pelos dias e pelas fomes – então ela não será mais a perdição e a loucura: será de novo a vida humanizada. (LISPECTOR, 2009, p.12).

A linguagem se revela como a condição da humanidade. O ser humano é formulador de sentidos e somente ele pode ser um in-fans, termo que designa, em latim, aquele que não fala. Considerar, pois, a historicidade do homem, ou seja, sua natureza sincrônica, sujeita a um intervalo na História, é considerá-lo infante. A linguagem, assim, forma e estrutura, apesar dos seus limites, a experiência que configura o ser a caminho da humanização.

Mas é que tornar-se humano pode se transformar em ideal e sufocar-se de acréscimos... Ser humano não deveria ser um ideal para o homem que é fatalmente humano, ser humano tem que ser o modo como eu, coisa viva, obedecendo por liberdade ao caminho do que é vivo, sou humana. E não preciso cuidar sequer de minha alma, ela cuidará fatalmente de mim, e não tenho que fazer para mim mesma uma alma: tenho apenas que escolher viver. Somos livres, e esse é o inferno. Mas há tantas baratas que parece uma prece. (LISPECTOR, 2009, p.124).

As experiências suscitadas por uma série de dispositivos, no presente caso, uma barata, moldam o processo da constituição da humanização não como um valor em si, mas como uma natureza cujo expoente é a liberdade e os saberes tecidos em reminiscências advindos da vivência compartilhada com os demais, ou seja, alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A genuína beleza que caracteriza o ser a caminho da humanidade é a coexistência de mundos que compõem o

universo visível compartilhado. Não há razões plausíveis para pensar cultura num aspecto unívoco sem considerar o fator multicultural e complexo que configura o (ser)humano.

Candido (2000b) aponta que uma entre as funções que se aplica à Literatura é sua contribuição no processo de formação nacional, porquanto aborda questões pungentes na sociedade e propõe no ato de sua representação a experiência que conduz à tomada de consciência de tais questões e uma inserção subjetiva sobre elas. O contato dialético de um leitor e aquilo que é compartilhado socialmente o engajamento coletivo para questões sócio-políticas vigentes. Assim, essa função se vale não apenas mediante uma coletividade, mas, conforme o exposto, mediante individualidades em via de constituição.

O romance *A paixão segundo G.H.* se consistiu, em conformidade com os objetivos estipulados pela pesquisa, em um material de análise das questões que envolvem a reflexão sobre o humano representado na literatura. Tal representação transcende a normatividade do (ser)humano proposta por Candido, admitindo-o como um valor e não como um processo condicional que perpassa a relação identitária com outros seres. Nesse processo, tudo o que é produzido e consumido como cultura configura como contribuição para a subjetivação que se realiza numa via processual. Isso, talvez, é o que melhor representa a qualidade do (ser)humano, um caminho que realiza e se compõe em diversidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Infância e História ensaio sobre a destruição da experiência. In: AGAMBEN, G. **Infância e História: ensaio sobre a destruição da experiência.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.19-79.

BENEVIDES, M. V. Cidadania e Direitos Humanos. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, 2013. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos>. Acesso em: 13 jun de 2019.

CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000a. p. 23-37.

CANDIDO, A. Estímulos da criação literária. In: CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000b. p. 37-63.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 171-193.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Revista Remate de Males**: Antonio Candido (número especial), Campinas, DTL-Unicamp, 1999. p. 80-90.

CASTRO, E. V. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

CLASTRES, P. **Arqueologia da violência**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

COSTA LIMA, L. Estruturalismo e crítica literária. In: COSTA LIMA, L. **Teoria da Literatura em suas fontes (v. II)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 777-817.

ISER, W. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, C. Nambiquara. In: LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 233-288.

LIBRANDI-ROCHA, M. Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia. **Revista: O eixo e a roda**. Belo Horizonte. v. 21, n. 2, 2012.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

NATALI, M. P. Além da literatura. **Revista Literatura e Sociedade (USP)**, v. 9, p. 30-43, 2006.

SAID, E. W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOBRE A AUTORA

Ursulla Gomes Herdy é graduada em Letras/Literaturas pela Universidade Federal Fluminense. Professora da educação básica. Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal Fluminense. Membro do grupo de Desenvolvimento e Inovação em Ensino - DIECI.